

14

ECLESIOLOGIA DE
PEQUENOS GRUPOS: O
MODELO ECLESIOLÓGICO
DE PEQUENOS GRUPOS
NAS PRIMEIRAS
COMUNIDADES CRISTÃS E
SUA ADEQUAÇÃO
TEOLOGAL E PASTORAL
PARA A IGREJA DO
SEC.XXI

Valtenci Lima de Oliveira
Graduado em Teologia pela
Faculdade Unida

RESUMO

Este ensaio teológico destaca a relevância de uma eclesiologia voltada para pequenos grupos, que começando nas comunidades da primeira geração de cristãos, chega ao século XXI, depois de experimentado em vários momentos da história da Igreja, inclusive na Idade Média e na Renascença, com excelentes resultados e, por isso, torna-se um modelo recorrente que proporciona à Igreja um crescimento tanto quantitativo quanto qualitativo.

Palavras Chave: Pequenos Grupos. Eclesiologia. Pastoral.

INTRODUÇÃO

É relevante pensar o futuro da igreja. Mas será tarefa demasiadamente difícil fazê-lo caso não se recorra ao testemunho das primeiras comunidades eclesiais do primeiro século. Para isso o artigo se detém na eclesiologia embrionária das jovens igrejas cristãs que se desenvolveram naquele período. Nesse sentido se percebe que aquelas igrejas, se estruturaram com forte ênfase na formação de pequenos grupos, espalhados em várias localidades do, então, Império Romano. Estruturados, principalmente, a partir de igrejas domésticas os pequenos grupos foram uma ferramenta, cultural, teológica e pastoral para aquelas comunidades, em uma época onde a figura do “Templo” percebeu-se estar sendo utilizado, muitas vezes, como instrumento de dominação e de interesses escusos ao seu verdadeiro sentido. Assim, aquelas primeiras comunidades, com todas as suas diferenças, realizavam sua vida de comunhão em torno do Templo e das Sinagogas por meio de pequenos grupos nas casas ou em outros locais.

Os tempos mudaram, mas ainda hoje é perceptível o uso que muitas igrejas, das mais diversas denominações, fazem daquele modelo eclesiológico, que privilegia a formação de pequenos grupos, onde os relacionamentos, a prática da partilha, o evangelismo, o discipulado e o cuidado pastoral tornam-se mais eficazes, sem que se perca de vista

o papel fundamental do Templo, como espaço cltico maior, onde toda a ekklesia se reúne para a adoração e o serviço do Reino de Deus.

FONTES

Carlos Mesters e Francisco Orofino, afirmam, que sobre o início das comunidades cristãs do primeiro século, "sabe-se muito pouco" (OROFINO & MESTERS, 1995, p.35). Apesar de quase que tradicionalmente o livro de Atos dos Apóstolos ser conhecido como livro histórico do Novo Testamento e neste sentido tentar apresentar uma historiografia pertinente, ele, na verdade, quando melhor analisado, contm mais teologia que história, ou seja, seu autor procurou dar mais ênfase não em como a igreja era, mas sim como ela deveria ser. Este fato dificulta um pouco a percepção a cerca do trabalho de Jesus nas comunidades e sinagogas da Galiléia. Jorge Pixley em um artigo assevera que "... nossa imaginação está formada por Lucas e seus interesses particulares, muito especialmente a exaltação da obra missionária de Paulo de Tarso e sua obsessão com o problema da relação entre judeus e não judeus nessas assembleias...". (PIXLEY, 1998, p.62)

Ao que tudo indica o livro de Atos dos Apóstolos, foi então, uma narrativa da comunidade lucana, tendo como referencial a comunidade judeu-helenista. Portanto, propõe uma teologia centrada e produzida nas comunidades judaicas-helenistas, e que reduziu o início das comunidades cristãs do primeiro século a Jerusalém e aos apóstolos. Jerusalém na literatura lucana foi à mola propulsora para que as boas novas alcançassem outras regiões, fora dos limites do judasimo. Por conseguinte, o apóstolo Paulo foi o grande responsável por este feito, segundo esta literatura.

Entretanto quando o assunto são as comunidades cristãs primitivas, é preciso que se pense, tmbm nas igrejas que surgiram a partir da Galiléia que, aliás, foi onde teve início o chamado "movimento

de Jesus". Lá a opressão romana era menor do que na Judéia, principalmente em Jerusalém, onde estava o Templo. Essas comunidades são contempladas tanto na literatura marcana, como, principalmente, na joanina, mas na literatura lucana são pouco acolhidas e citadas.

Mesmo sendo o livro canônico Atos dos Apóstolos bibliografia primária quando o assunto é história da igreja nascente, não se pode olvidar que ao que tudo indica Lucas seu escritor era grego e como tal interessou-se pouco em investigar ou narrar o ponto de vista das outras comunidades embrionárias do cristianismo primitivo.

Ainda, como pano de fundo desse rico período, é relevante, também, que se ressalte o fundamental papel tanto das descobertas dos manuscritos de Kunran quanto das descobertas de Nag Hamadi, que até certo sentido reproduzem e fazem eco das tradições e da cultura judaica das primeiras comunidades cristãs na Galiléia, preenchendo assim, a lacuna, não canônica, obviamente, mas cultural e sociológica daquelas comunidades nascentes, deixada pela obra lucana.

Destarte, obras como Evangelho de Tomé, Didaqué, Ascensão de Isaías, Tradições dos presbíteros, jungidas aos evangelhos canônicos Marcos e João são fundamentais para uma leitura, que seja mais abrangente e menos cerceativa desse período áureo da história da igreja.

Então, ao se analisar as fontes tanto canônicas como não canônicas e, ainda, os escritos de alguns dos pais da igreja, se percebe que o objetivo da mensagem de Jesus e dos missionários ambulantes que com ele, ou sem ele, labutavam, não era a formação de uma nova doutrina, mas a renovação das comunidades eclesiais com o evangelho ou a boa notícia da presença do Reino de Deus entre eles e não somente no *escaton*. Nesse sentido, as casas foram fundamentais para o avanço da mensagem de boa nova do movimento de Jesus, e

as mulheres, que foram as primeiras a crerem na ressurreição, são as principais protagonistas deste movimento.

A VIDA EM COMUNIDADE

Quando o assunto são as comunidades eclesiais primitivas, a referência que se faz é em relação aquelas que se formaram desde a paixão, morte e ressurreição de Jesus até aproximadamente o ano 130 d.C. Assim, para Crossan “o nascimento do cristianismo aconteceu em dois lugares diferentes, uma única mãe, a refeição que, compartilhada pela comunidade, faz presente na terra o Deus judaico de justiça”(CROSSAN, 2004, p.40)

Na Galiléia, por exemplo, existiam as comunidades joaninas, conhecidas como “comunidades do discípulo amado” e as marcanas, comunidades que viviam com simplicidade e desapego a exemplo de Jesus.

Para estas comunidades o templo legitimava a exclusão, pois não eram todos que tinham acesso a ele. Ademais, o próprio Jesus criticou o uso profano que os religiosos estavam fazendo do templo. Jesus é severo quando diz que o templo estava sendo transformado em “covil de ladrões”, conforme registrado no evangelho de Marcos 11.18, não que com isso Jesus estivesse questionando a importância do templo, pelo contrário, ele assevera que aquele lugar era a Casa de seu Pai e deveria ser chamado “Casa de Oração”. Todas estas questões fizeram com que as casas fossem preferidas para as reuniões e celebrações da igreja.

Jesus preferiu a casa em vez do templo. No lugar do altar, escolheu a mesa. E em vez do sacerdócio oficial, optou pela família. Para ele, o perdão era oferecido gratuitamente nas casas, longe dos sacrifícios que custavam caro para o povo simples. Nas casas, convivia com o povo. Mais do que o templo, esse era o novo lugar da presença do sagrado (GASS, 2005, p. 57).

As comunidades da Galiléia fizeram das casas o seu lugar de comunhão, fazendo delas, também, espaço sagrado, e de inclusão.

Em relação às comunidades de Jerusalém, continuaram participando da vida religiosa do povo. Lucas em Atos do Apóstolos 21.20, registra que “os milhares de judeus que aderiam a fé são zelosos da Lei”. Eles circuncidavam seus filhos, participavam do ritualismo mosaico, das orações no templo, sem que, contudo deixassem evidente para os demais judeus que estavam vivendo uma nova experiência de fé. Eram comunidades novas, separadas, daí o termo *Ekklesia* que melhor entendido pela Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento hebraico, significa “reunião ou ajuntamento do povo de Deus”. Mesmo tomando parte no cotidiano judaico, as comunidades cristãs do primeiro século e, mais particularmente, de Jerusalém, tinham como elemento cultural e teológico o reunirem-se nas casas. Isto é, suas celebrações existiam para além do Templo.

Tais reuniões se realizavam em casas particulares. Foi esse o caso do cenáculo, onde se congregou a primeiríssima comunidade. Depois, tais lugares de reunião se multiplicam. Os Atos nos referem que os cristãos rompiam o pão em suas casas (2.46). Uma dessas casas nos é conhecida, a de Maria mãe de João Marcos, onde se reuniu uma assembleia bastante numerosa para rezar, enquanto Pedro estava preso (12.12). Da mesma forma, veremos Paulo exortar os irmãos de Lídia em Filipos (16.40) e celebrar a eucaristia em Trôade, no terceiro andar de uma casa particular (20,9). A câmara alta mais vasta e não reservada para a habitação, se prestava bem para tais reuniões numerosas. Anotemos ainda o apoio que as famílias assim davam à igreja pondo a disposição da comunidade as próprias casas. (MARROU & DANIÉLOU, 1984, p. 37).

Viu-se que as comunidades da Galiléia, por várias questões reuniam-se nas casas. Elas tinham, de certa forma, razões, que as fizeram escolher as casas em detrimento do templo. Já as comunidades da Judéia, não tinham as mesmas razões, suas celebrações se davam tanto no templo como nas casas, a pesar do apego mais severo aos rituais judaicos. Assim, em relação aos cristãos de Jerusalém, se percebeu que “... a única diferença em relação aos demais judeus, é que não esperavam mais um Messias, pois, para eles, esse era Jesus. Frequentavam o templo e também as igrejas nas casas como, por

exemplo, na casa de Maria, mãe de João Marcos (At 12,12)." (GASS, 2005, p. 65)

A casa então era o espaço para novas relações e para o crescimento mútuo das igrejas nascentes tanto da Galiléia como da Judéia. Doravante a vida das comunidades eclesiais girava em torno de alguns grupos que se dividiam entre os seguidores de Jesus e os judeus que ocupavam as sinagogas. Assim, a partir de Jesus e seus discípulos surge, como se percebeu, o chamado "*movimento de Jesus*", como ficou conhecido. Este grupo formou, inicialmente, pequenas comunidades que se desenvolveram, principalmente, ao redor das sinagogas judaicas e sua mensagem era de contestação ao judaísmo oficial.

Muitas mudanças ocorreram no Império Romano e as divergências e embates entre os dois grupos se avolumaram, culminando assim em separação. Havia aqueles que insistiam na observância da Lei Mosaica e das tradições judaicas, ligados a Tiago e aos irmãos de Jesus, mas haviam também aqueles que eram seguidores do mártir Estevão, como Barnabé e Paulo. As controvérsias e visões divergentes causaram a separação dos dois grupos, iniciando assim uma nova etapa do cristianismo deste período, conforme registra Lucas em Atos 9.29-30.

A separação fez com que o evangelho se espalhasse em todo o Império, principalmente, por meio dos seguidores de Paulo e Barnabé.

É o período da lenta e difícil passagem do Oriente para o Ocidente, da Palestina para a Ásia Menor, Grécia e Itália, do mundo cultural judeu para o mundo cosmopolita da cultura grega, de uma realidade de mundo rural para uma realidade de mundo urbano, de comunidades que surgiram ao redor de sinagogas, espalhadas pela Palestina e Síria, para comunidades mais organizadas que surgiram ao redor da casa (*oikos*) nas periferias das grandes cidades da Ásia e da Europa (OROFINO & MESTERS, 1995, p.38).

A comunidade de Antioquia logo percebeu a mudança de ênfase entre os judeus e aqueles que diziam seguidores de Jesus.

Barnabé e Paulo tornaram-se símbolo do acolhimento dos não judeus. Uma pergunta que podemos fazer é: quais fatores foram decisivos para o crescimento e a expansão da mensagem do Reino de Deus ou da boa nova em todo o Império?

Observou-se uma nova maneira de proclamação da boa nova que não estava mais restrito as sinagogas e muito menos ao templo de Jerusalém. Fortemente estruturada a partir das mulheres que não tinham tanta influência no templo e nas sinagogas, as igrejas domésticas, tomaram acessível às boas novas a diversas regiões do então Império Romano. Assim, "...dentro da cultura da época, a mulher não podia participar da vida pública. A sua função era na vida da família; a sua influência, na organização interna da casa. Ela só poderia ter um papel ativo na igreja, se esta funcionasse no interior das casas." (Idem, p. 41)

É neste sentido que se parte para uma eclesiologia que tinha nos lares o lugar de culto, de reuniões e de comunhão entre os discípulos. Esta consciência eclesiológica foi extremamente relevante quando das perseguições movidas sobre as comunidades cristãs pelo Império Romano e, mesmo, quando das próprias divergências entre alguns grupos.

Para Greem, a igreja de Antioquia, uma igreja mista, sem divisões étnicas e culturais:

estava tão interessada na comunhão que judeus e gentios convertidos à fé quebraram barreiras seculares, comendo à mesma mesa. Era uma igreja em que um aristocrata como Manaém, um ex-fariseu super rígido como Paulo, um ex-proprietário de terras em Chipre como Barnabé, um judeu helênico de Sirene como Lúcio, e Simão Níger, provavelmente um africano, podiam trabalhar juntos em uma liderança harmoniosa dos crentes (GREEM, 2000, p. 222).

Assim, as igrejas domésticas, de certa forma, foram as responsáveis em tornar a mensagem da boa nova mais acessível e comunitária nas regiões do Império, promovendo um crescimento e a

formação de uma liderança capaz de responder as inquietudes e situações da sociedade de então.

Ora, as comunidades fundadas neste segundo período se reuniam não em lugares públicos, mas sim nas casas do povo: na casa de Priscila e Áquila, tanto em Roma (Rm 16,5), como em Éfeso (1Co 16,19); na casa de Filêmon e Ápia em Colossos (Fm 2); na casa de Lídia em Filipos (At 16,15); na casa de Ninfa em Laodicéia (Cl 4.15); nas casas de Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã e de Olimpás (Rm 16,15). A criação de igrejas domésticas possibilitou maior influência e participação da mulher (Ibidem).

Assim como foi com Jesus, com as comunidades joaninas, marcanas e com as comunidades de Jerusalém, com o apóstolo Paulo e a comunidade paulina, não foi diferente, os pequenos grupos nas casas também foram os fomentadores da expansão da mensagem do Reino de Deus. Paulo investiu na rede de pequenas comunidades nas casas, que experimentavam novos valores do Reino, onde a igualdade e partilha eram comuns e as diferenças eram vencidas. Vejamos:

O tema da igreja doméstica é central, fundamental para termos uma compreensão mais clara e concreta, menos espiritualista e menos clericalista da pessoa, da mensagem e da prática de Paulo. É uma igreja dentro da vida e a serviço da dignidade das pessoas que nela se reúnem. Não tanto em torno de dogmas, leis e doutrinas, mas é uma forma de vida bem concreta, em torno de uma mesa, partilhando pão, bens e serviços. A igreja doméstica tem uma mensagem de vida para a sociedade (GASS, 2005, p. 109).

Como se percebe, os pequenos grupos na vivência das primeiras comunidades cristãs, criaram uma mentalidade, que propiciou a igreja uma visão holística da realidade cotidiana de cada membro. O relacionamento jungido à prática do evangelho, tornou a experiência comunitária mais sólida. O discipulado acontecia normalmente, pois a troca de experiências dentro dos grupos pequenos facilitava a interação e o aprendizado.

Assim que eram fundadas, as igrejas domésticas, o apóstolo Paulo e seus discípulos seguiam em missão para outras cidades onde a mensagem do evangelho de Cristo ainda não havia chegado. Mas,

sempre que possível, o apóstolo visitava pessoalmente as comunidades que fundara, ou então, enviava colaboradores seus, com a finalidade de atender as vigentes necessidades das igrejas nascentes.

A RELEVÂNCIA DO MODELO ECLESIOLOGICO DE PEQUENOS GRUPOS PARA AS IGREJAS CONTEMPORÂNEAS

Após todo este florescer do primeiro século, a igreja, a partir do segundo século começou a respirar ares de institucionalização. Foi nele que a figura do templo começou a tornar-se central para a ekklesia. Até o século III a igreja foi implacavelmente perseguida. Imperadores como Nero, Domiciano, Valeriano e Diocleciano foram verdadeiros algozes. No período destes monarcas as igrejas domésticas eram uma espécie de refúgio para os cristãos. Nesse período os cristãos eram caçados como animais. Também, eram lançados no Coliseu Romano e lá devorados pelas feras. Outras vezes foram crucificados e até mesmo queimados como verdadeiras tochas humanas, nas ruas e estradas do Império Romano. A intolerância foi sem precedentes!

Entretanto, a partir do imperador Constantino, que diz ter vencido seus rivais na luta pelo trono romano porque se convertera ao Cristianismo, as perseguições tiveram término. No início do IV século, quando assumiu o trono, na tentativa de se tornar favorável aos cristãos o imperador iniciou a construção de templos para que a igreja se reunisse, bem como, diversas outras vantagens foram concedidas àqueles que abraçavam a sua nova fé, conforme descritas no conhecido documento "Edito de Milão". Assim:

no dia 15 de junho de 313, no dia seguinte à vitória sobre Maximino Daia que lhe abre as províncias da Ásia, seu colega, e na hora aliado, Licínio, formula uma resolução concedendo em termos particularmente benévolos em favor dos cristãos plena e inteira liberdade de culto, a restituição imediata de todos os bens confiscados, fá-lo referindo-se expressamente a uma decisão tomada em comum com Constantino no início do ano, por ocasião da entrevista que os reunia em Milão para o casamento de Licínio com a irmã de Constantino, Constância (MARROU & DANIELLOU, 1984, p. 248).

Assim, ao que tudo indica Constantino ao ascender ao trono, tinha consciência de que ao conceder privilégios ao clero suas intenções políticas ganhariam força. Desta forma ele fez da igreja o poder espiritual de seu novo império.

Até o final do século II, as comunidades não tinham locais de reunião, destinados exclusivamente aos seus cultos. Na maioria das vezes, as reuniões aconteciam em casas particulares. Apenas, a partir do século III é que começaram a surgir locais destinados a reuniões. (DREHER, 2001, p. 32).

Constantino fez com que os templos se multiplicassem. Por todo o império, magníficos edifícios foram construídos e entregues a igreja. Assim o imperador ganhou prestígio e cada vez mais poder de interferir nos assuntos relacionados à igreja.

A partir de então, a igreja, paulatinamente, foi se divorciando do culto nos lares em pequenos grupos, aderindo com mais particularidade as celebrações nos templos. Vejamos:

Ao ser oficializada, definitivamente, as características de sua eclesiologia passaram a ser muito diferentes da igreja do primeiro século. A igreja deixou as casas para se reunir exclusivamente no templo. O uso de dons e ministrações passaram a ser um privilégio apenas dos sacerdotes. E isto continuou pelos séculos em diante, até mesmo após a Reforma, nas igrejas protestantes (BEZERRA, 2005, p. 27).

É relevante que não se esqueça dos grupos minoritários e dissidentes, que de forma muitas vezes veemente se posicionavam contra a nova postura da igreja e do clero. Estes, considerados como opositores e hereges, passaram a ser perseguidos e mortos pela igreja estatal, completamente, absorvida pelo Estado Romano.

Grupos como os Lolardos, seguidores de Wycliffe, os Hussitas, seguidores de John Huss, os Valdenses, seguidores de Pedro Valdo, e os Franciscanos, seguidores de Francisco de Assis, entre outros, foram fomentadores e preservadores dos princípios legados pelas comunidades do primeiro século. Eram à força de resistência! Passaram a clandestinidade e reuniam-se escondidos nas casas espalhadas pelo Império.

Enquanto os grupos dissidentes faziam oposição à igreja estatal, surge a figura de Martinho Lutero, monge da ordem agostiniana, ele também defendeu uma mudança de postura da igreja, um retorno as Escrituras, porém não foi ouvido. Pelo contrário o clero tentou fazê-lo recuar de suas afirmativas. Mas era tarde demais. Lutero levou adiante suas convicções teológicas e, em 31 de outubro de 1517, fixou nas portas do Castelo de Witemberg na Alemanha, 95 teses que contestavam entre tantas coisas as vendas de indulgências pelo clero romano. Esta atitude deflagrou a Reforma Protestante, que se espalhou por toda a Europa. Outros reformadores, como Calvino, Zuínglio, Meno Simions e John Knox, seguiram o lastro de Lutero e combateram de forma incisiva a igreja estatal.

Reagindo aos ideais da Reforma, a igreja estatal tentou deter o seu avanço, no conhecido Concílio de Trento, que se reuniu em três fases entre os anos de 1545 a 1563, convocado pelo Papa Paulo III, mas não conseguiu mudanças significativas. Os grupos minoritários se fortaleceram, e igrejas protestantes surgiram por toda a Europa. A ênfase delas era que o cristianismo deveria ser vivido somente pelas Escrituras, somente pela Fé e somente pela Graça.

As igrejas protestantes modificaram, como vimos, sua teologia, em parte, mas a estrutura permaneceu intacta. Em alguns locais elas também se tornaram estatais, como é o caso da Igreja Anglicana, na Inglaterra. Muitas controvérsias surgiram entre os protestantes em relação as suas próprias doutrinas e mais dissidências ocorreram.

Na tentativa de resgatar o perfil das primeiras comunidades eclesiais e adequá-lo a sua igreja, surgiu em meados do século XVII, Philipp Spener, pastor em Frankfurt, que com ênfase nos cristianismos originários do primeiro século resolveu iniciar grupos pequenos para estudar a Bíblia, orar e discorrer sobre o sermão proclamado pelo pastor. Mais tarde, destes ajuntamentos em Pequenos Grupos, surgiu o Pietismo, movimento importantíssimo no cenário protestante, por

resgatar, de certa forma, a espiritualidade das primeiras comunidades eclesiais primitivas. Schwarz diz: “ ... o Pietismo realizou uma reforma na espiritualidade, o que faltou acontecer com a Reforma do século XVI.” (SCHWARZ, 2001, p. 89)

No século XVIII, na Inglaterra, John Wesley, seu irmão Charles Wesley e alguns amigos, resolveram, a exemplo de Spener, reunirem-se uma vez por semana com a finalidade de estudar a Bíblia e fomentar a espiritualidade, ficando alcunhados de “clube santo”, “devoradores da Bíblia” e “metodistas”. Esses pequenos grupos logo se fortaleceram e cresceram, muitas pessoas eram alcançadas pela exposição do texto bíblico, de forma que, foi preciso fazer divisões nos grupos, que estavam tornando-se grandes.

as sociedades metodistas não bastaram para o cuidado religioso de seus membros, pois rapidamente se tornaram demasiadamente grandes. Foi então que alguém sugeriu a Wesley o sistema de classes, que este adotou. Este sistema consistia em reunir os crentes em grupos de doze, com um líder de vida piedosa. Essas classes se reuniam uma vez por semana para estudar as Escrituras, orar, arrecadar fundos e conversar acerca de questões religiosas. Seus líderes não tinham que ser pessoas de educação ou prestígio social, pois eram escolhidos por uma base melhor: qualidade de vida, de sabedoria e da profundidade de sua fé. {...} O movimento cresceu rapidamente. Logo Wesley viu-se obrigado a viajar não só por toda a Inglaterra, mas também pela Escócia, Gales e Irlanda (GONZALES, 2001, p. 180).

A tarefa de John Wesley não foi fácil, a Inglaterra estava mergulhada em uma grande frieza espiritual. Precisava de um verdadeiro reavivamento, que alterasse a letargia da nação. Assim, Wesley ficou conhecido, como “cavaleiro de Deus”, pois viajava a cavalo muitas milhas por ano, proclamando a salvação em Cristo e organizando igrejas, em pequenos grupos, por toda a Inglaterra, principalmente nos lares, uma vez que a igreja estatal inglesa não aderira seu movimento. Surgiu assim a Igreja Metodista!

Wesley organizou seus seguidores em uma “Conexão”. Várias sociedades formavam um “circuito) sob o cuidado de um “ajudante” que depois se chamou “superintendente”. Para ajudar a administrar a Conexão, Wesley começou a reunir periodicamente seus pregadores leigos que participavam do movimento (Idem, p. 182).

Com o crescimento houve a necessidade de uma organização maior. Wesley então, inova, criando funções que ajudassem os pastores em suas tarefas. Ficando assim mais dinâmico o desenvolvimento, administração e, por conseguinte, o crescimento saudável da igreja.

Entretanto, é relevante que se pense no ano de 1950 e na figura do pastor David (Paul) Yonggi Cho, que na Coreia iniciou um modelo eclesiológico totalmente voltado para os cultos domésticos, segundo ele, fazendo-se valer do modelo eclesiológico do primeiro século. Ele estruturou a nascente igreja do Evangelho Pleno de Yoido em pequenos grupos que se reuniam, inicialmente, nos lares e, posteriormente em grandes grupos, nos templos. Ele diz: ...em poucas palavras, a Igreja do Evangelho Pleno de Yoido começou em forma de célula na casa da pastora Choi, e logo nos mudamos para a tenda, que começou a crescer quase de forma explosiva, e o Espírito Santo se manifestava com poder... (CHO, 2011, p. 32)

A igreja liderada pelo pastor Cho, tornou-se modelo, não teológico, até porque teologia se faz a partir da cultura da comunidade eclesial, mas eclesiológico para muitas igrejas da atualidade. Hoje a igreja que foi pastoreada por ele já ultrapassa a marca de 750 mil membros engajados em cerca de 25 mil células. Frentes missionárias em vários países e uma liderança forte, são marcas do modelo eclesiológico trabalhado por David Yonggi Cho.

É relevante notar, que o pastor Cho parece ter herdado o legado de Wesley que antes de morrer levou a Igreja Metodista a alcançar vários países, contando com aproximadamente setenta e sete mil membros que se reuniam em dez mil pequenos grupos, subdivididos em grupos de 8 pessoas aproximadamente, que como vimos reuniam-se em casas e, também, em outros lugares, muitas vezes pastoreadas por pregadores leigos, instruídos por Wesley.

Também nos rastros de Cho alguns outros líderes perceberam a funcionalidade do modelo de pequenos grupos ou células e o

adaptaram as suas comunidades eclesiais. Pois o referido modelo é facilitador do pastoreio e fomentador de uma mentalidade de liderança que atende as demandas da atualidade. Para Cho as pessoas não estão, simplesmente atrás de um belo e organizado sermão, mas têm sede de cuidado.

Esse problema é comumente visto nas igrejas grandes. A maioria das mega igrejas da Coreia foi implantada sob a liderança carismática de um homem ungido com características de um pregador fervoroso. Portanto, os ensinamentos e as palavras de alento são como um oásis no meio do deserto da congregação. Os membros esperam que Deus e sua palavra os considerem mais que números. O problema é que, enquanto escutam a Palavra de Deus, sentem um contraste em relação ao trato com eles entre a mensagem e a igreja. Estão sentados nos bancos como espectadores (Idem, p. 101).

Doravante, igrejas como a de Saddleback, na Califórnia, fundada em 1980, que tem como pastor o doutor Rick Warren, a igreja Willow Crick, pastoreada por Bill Hybels e tantas outras no Brasil e no mundo têm se adequado ao modelo de pequenos grupos.

No Brasil, por exemplo, temos muitas igrejas das mais diferentes denominações evangélicas que se utilizam deste modelo. A inserção e retorno a metodologia de pequenos grupos tem produzido excelentes resultados. As igrejas que se utilizam deste modelo parecem estar mais sadias, a presença da igreja nos lares tem levado saúde as famílias, a comunhão é eficaz e a formação de líderes leigos torna-se cada vez mais forte. E as estatísticas são arrebatadoras! Em reunião realizada na Igreja Batista Central da Barra da Tijuca, pastoreada por Josué Valandro Júnior, o pesquisador constatou que em 8 anos, imersa no modelo de células, aquela igreja, que cresce saudavelmente, saltou de 30 membros para mais de 1800 membros.² É a expansão da mensagem do Reino de Deus por intermédio do discipulado em pequenos grupos.³

Hodiernamente muitos pastores advogam que os pequenos grupos são o coração da igreja. Os princípios desta eclesiologia não são estranhos a Bíblia, pelo contrário, são auferidos dela. Carlito Paes,

pastor sênior da Primeira Igreja Batista de São José dos Campos, assevera:

Por que precisamos de pequenos grupos? Podemos apontar diversas razões pelas quais os pequenos grupos são importantes para a igreja. Em primeiro lugar, são uma estratégia bíblica. Jesus iniciou seu ministério com a reunião de um pequeno grupo de 12 discípulos (Mateus 13.13,14). A igreja primitiva também se reunia em grupos pequenos, como lemos em Atos 2.42-47. Nos lares, os recém-convertidos eram acolhidos e alimentados espiritualmente. No Novo Testamento, encontramos uma variedade de textos atestando que a igreja se reunia em pequenos grupos nas casas (PAES, 2012, p. 151).

Esse modelo bíblico que impulsionou as primeiras comunidades cristãs, fazendo com que o crescimento da mensagem do evangelho fosse notório por todas as partes, é hoje uma realidade funcional e estrutural na eclesiologia de muitas igrejas. E tudo isso, parte do pressuposto de que o ser humano estari à procura de um ambiente onde ele seja aceito e tratado das mazelas que o pecado e a vida, muitas vezes, lhe impõe. É nesse sentido que a dinâmica de igreja em pequenos grupos têm feito diferença.

Os pequenos grupos despertam, mobilizam e sustentam o crescimento saudável da igreja, pois garantem o pastoreio intencional e personalizado. Seu ambiente informal promove a proximidade entre as pessoas e o torna um ótimo local para a integração e o processo de formação espiritual. Além disso, os pequenos grupos têm a vantagem de não estarem limitados ao ambiente físico do templo, o que lhes incute enorme flexibilidade e capilaridade. Todos estes fatores apenas confirmam que uma igreja saudável e que vive os propósitos de Deus deve valorizar os pequenos grupos (Idem).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isto é plausível que ao tempo em que se olha para as primeiras comunidades cristãs e percebe-se nelas uma eclesiologia imersa em pequenos grupos, obviamente, com suas diferenças teológicas, culturais e sociológicas, mas que de forma relevante serviram para a propagação da Boa Nova do Reino de Deus, fazendo com que em todas as partes do mundo, de então, novas comunidades fossem plantadas; as igrejas da contemporaneidade, cada uma dentro

de sua realidade cultural e teologal, olhem para aquele modelo eclesiológico, que foi seguido pelos reformadores e avivalistas dos séculos posteriores e, na medida do possível, possibilitem a adaptação as suas realidades eclesiais. A adaptação se faz necessária pois cada sociedade vive o seu tempo, sempre carregado de novas demandas e possibilidades.

Enfim, que as igrejas ao utilizarem o modelo de pequenos grupos, seja nos lares ou em outros locais, sejam mais fortes, mais comungais e mais proclamadoras, não olvidando o papel fundamental que o templo exerce na atual conjuntura eclesiástica, se valendo dos pequenos grupos, não só na dimensão pastoral, mas também, na perspectiva social, onde por meio deles desempenhará o seu papel social nas comunidades onde estiver inserida.

REFERÊNCIAS

- BARRO. Antônio Carlos. *O grande avivamento do século XVIII*. Disponível em: www.anglicanismo.net/historia/moderna/modernidade001.htm+Wesley+avivamento+sociedade&hl=pt-BR Acesso em: jul. 2013.
- BEZERRA. Cláudio José Medeiros. *Igreja nas casas: o evangelismo e o discipulado a partir de modelos da igreja primitiva*. Recife, 2004. Monografia (Bacharelado em Teologia). Seminário Teológico Batista do Norte.
- BROWN. Colin. *Filosofia & fé cristã*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- CHO. David Yonggi. *50 anos de esperança: o milagre da igreja em células*. Trad. Tatiane Souza. São Paulo: Vida, 2011.
- CROSSAN. John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. Trad. Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DANIELOU. Jean & MARROU. Henri. *Nova história da igreja*. Trad. Dom Frei Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DREHER. Martin N. *A Igreja no Império Romano: Coleção História da Igreja*. 3. ed. Porto Alegre: Sinodal, 2001, v.1.
- GASS. Ildo Bohn. *As comunidades cristãs da primeira geração*. São Paulo: Paulus, 2005.

- GONZALES. Justo L. *A Era dos dogmas e das dúvidas: uma história ilustrada do cristianismo*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001. v.8.
- GREEN. Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- HALE. Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. Trad. Cláudio Vital de Souza. São Paulo: Hagnos, 2002.
- LANE. Tony. *Pensamento Cristão: Da Reforma à Modernidade*. Trad. Eliseu Pereira. São Paulo: Abba Press, 2003.
- MAXWELL. John. *Bíblia da liderança cristã*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- OROFINO, Francisco. MESTERS, Carlos. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*. Petrópolis: Vozes/Sinodal. 1995.
- PAES. Carlito. *Igreja brasileira com propósitos*. São Paulo: Vida, 2012.
- PIXLEY, Jorge. Os primeiros seguidores de Jesus na Macedônia e Acaia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla*, 29, Petrópolis: Vozes, p. 60-84, 1998.
- SCHWARZ. Christian A. *Mudança de paradigma na igreja: como o desenvolvimento natural da igreja pode transformar o pensamento teológico*. Curitiba: Esperança, 2001.
- SELVATICI. Monica. *Os judeus helenistas e a primeira expansão cristã: questões de narrativa, visibilidade histórica e etnicidade no livro de Atos dos Apóstolos*. Campinas: UNICAMP, 2006. Tese (Doutorado em História). Universidade de Campinas.
- TAYLOR. Justin. *As origens do cristianismo*. Trad. Bárbara Theotolamberti. São Paulo: Paulinas, 2010.
- WARREN. Rick. *Uma igreja com propósitos*. Trad. Carlos de Oliveira. São Paulo: Vida, 2011.

Valtenci Lima de Oliveira
Graduação em Teologia (UNIDA)

COMO CITAR ESTE ARTIGO

OLIVEIRA, Valtenci Lima de. "Eclesiologia de Pequenos Grupos: o modelo eclesiológico de pequenos grupos nas primeiras comunidades cristãs e sua adequação teológica e pastoral para a igreja do Sec. XXI". *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 2, jul.-dez., 2014, p. 175-191. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.